

Periferias esquerda e direita: assimetrias

Inês Duarte^{1, 2}, Ana Lúcia Santos^{1, 2} & Silvana Abalada²

¹Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

²Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Abstract:

In this paper, we compare the right and the left peripheries in European Portuguese, presenting evidence for the analysis of the right-peripheral material as elliptical in nature. We discuss several analyses for the right periphery in light of European Portuguese data, including: (i) data from spontaneous adult (child-directed) speech (5 adults, 29,398 utterances) annotated in the corpus Santos (Santos, 2006/2009; Santos *et al.*, 2014) and (ii) experimental data (41 children aged between 3;5 and 6;3, and 30 adults) on the comprehension of topicalizations, clitic-left dislocations, post-focal subjects on the right periphery, and subject-verb inversions with a focused subject (Abalada, 2011).

Keywords/Palavras-chave: Asymmetries, Ellipsis, Left Periphery, Right Periphery / Assimétrias, Elipse, Periferia Esquerda, Periferia Direita.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir e avaliar análises sintáticas para a periferia direita, a partir da comparação entre estruturas com constituintes nas periferias esquerda (1) e direita (2) da frase em Português Europeu (PE). Para tal, serão considerados quer dados experimentais (Abalada, 2011) quer dados de produção espontânea (Santos, 2006/2009; Santos *et al.*, 2014).

(1) **a mota** não tens.

[Adulto, ficheiro tom-1-3-9]

(2) tem um cão (.) **o pai**.

[Adulto, ficheiro tom-1-7-14]



Embora uma extensa literatura para várias línguas tenha vindo a discutir análises para dados com alteração da ordem básica de palavras envolvendo constituintes na periferia esquerda da frase, é parca a literatura sobre dados que envolvam a ativação da periferia direita, havendo mesmo estudos que colocam em causa a sua própria existência.

Neste contexto, o presente trabalho analisará um conjunto alargado de assimetrias entre estruturas com ordens de palavras não básicas, a saber: VOS e VO#S (*i.e.*, estruturas de inversão sujeito-verbo com sujeito associado a foco informacional e estruturas com constituintes periféricos à direita, respetivamente) e OSV e VO#S (*i.e.*, estruturas com objeto periférico à esquerda e sujeito periférico à direita, respetivamente). Partindo dessa análise, mostraremos, então, que as estruturas com constituintes periféricos à direita não podem ser derivadas nos mesmos termos que topicalizações e estruturas associadas a foco informacional no sujeito, pois nem as análises por movimento de IP *remnant* (Kayne, 1995; Cardinaletti, 1998, 2002; Ambar & Pollock, 2002) nem as que envolvem movimento à esquerda para uma posição baixa na estrutura da frase (Villalba, 1996, 1998, 1999, 2000; Cecchetto, 1999; Belletti, 2004; López, 2003, 2009) dão conta dos contrastes observados em PE. Rejeitaremos ainda análises por *merge* direto (De Cat, 2002, 2007) por não darem conta dos dados do PE. Em contrapartida, os dados empíricos apresentados constituem uma evidência sólida para a assunção de uma análise que as considere estruturas elíticas. Assim, adotaremos uma análise para constituintes periféricos à direita que os considera resultantes de elipse operando sobre uma estrutura de coordenação especificante não-restritiva ou parentética, tal como proposto por de Vries (2007, 2009a/b, 2013) e Ott & de Vries (2012, em preparação), ainda que em moldes distintos do proposto nesses trabalhos. Com efeito, embora assumamos, como estes autores, que o material periférico à direita faz parte do segundo membro de uma estrutura bioracional em que a parte redundante do segundo CP é elidida, rejeitaremos a ideia de que, previamente à elipse, o constituinte periférico à direita é A'-movido para uma posição periférica à esquerda no interior do segundo CP. Por outras palavras, defenderemos que os constituintes periféricos à direita são fragmentos remanescentes da elipse de um segundo CP, e não estruturas aparentadas com *Sluicing*.



O presente artigo está, então, organizado em cinco partes. Após esta introdução, apresentam-se, na segunda secção, os dados experimentais e de produção espontânea a partir dos quais se avaliarão as análises para a periferia direita. Na terceira secção, discutem-se as assimetrias existentes entre estruturas com diferentes ordens de palavras: VOS e VO#S, por um lado, e OSV e VO#S, por outro. Na quarta, avaliam-se as análises para a periferia direita propostas na literatura para outras línguas. Por último, na quinta secção, propõe-se uma análise para a periferia direita e tecem-se algumas considerações finais.

2. Alguns dados

2.1. Dados experimentais

2.1.1. Metodologia

Os dados experimentais recuperam-se de trabalho anterior (Abalada, 2011), cujo objetivo era testar a compreensão de estruturas com constituintes periféricos à esquerda e à direita em PE por parte de crianças em idade pré-escolar. A metodologia consistia numa Tarefa de Juízo de Valor de Verdade (TJVV) (Crain & Thornton, 1998), com recurso a imagens.

A TJVV foi construída para testar estruturas com alterações da ordem básica de palavras devido à ativação das periferias esquerda e direita da frase, dando-se aqui conta apenas das condições relevantes para o presente estudo. Na periferia esquerda, foram testados DPs com a função sintática de objeto direto, interpretados como tópicos¹, em estruturas de topicalização (OSV) (3) e de deslocação à esquerda clítica (OSV-Cl) (4). Já na periferia direita, incluíram-se estruturas com DPs com a função sintática de sujeito interpretados como antitópico (VO#S) (5). Além das estruturas anteriormente referidas, a TJVV testava estruturas de inversão sujeito-verbo (VOS) (6), ou seja, estruturas com DPs sujeito em posição baixa associada a foco informacional. De modo a que a seleção lexical não afetasse a compreensão das estruturas, fez-se uso dos mesmos verbos nas estruturas com ordem OSV, quer estas envolvessem a existência de *gap* ou de

¹ O conceito de tópico frásico adotado em Abalada (2011) era definido em termos de “ser acerca de” (“pragmatic aboutness”), como proposto por Reinhart (1982). Assim, assumia-se que a interpretação de um constituinte como tópico não remete diretamente para o seu estatuto informacional (dado ou novo), mas sim para a sua relação com a proposição expressa pela frase num dado contexto.



clítico no comentário, que tinha invariavelmente a ordem SV. Pelo mesmo motivo, o conjunto de verbos usados nas estruturas com sujeitos pós-verbais era o mesmo quer o DP sujeito fosse interpretado como antitópico quer como foco informacional. A par das estruturas-alvo, a TJVV incluiu um conjunto de itens construído nos mesmos moldes que as frases-alvo, mas com a ordem de palavras canónica do PE (ou seja, SVO) (7), para que fosse possível usar alguns desses itens como itens de controlo.

- (3) O polícia, o bombeiro assustou com um pau.
- (4) A vaca, a ovelha assustou-a com uma careta.
- (5) Pisou a bruxa, a fada.
- (6) Pisou o gato o cão.
- (7) A ovelha acordou a vaca.

Na totalidade, a TJVV era constituída por trinta e dois itens: vinte e uma frases-teste (três itens por cada uma das sete condições: dois falsos e um verdadeiro) e onze distratores (cerca de um terço do número total de itens), sendo que, destes últimos, quatro são itens de controlo (dois com valor de verdade positivo e dois com valor de verdade negativo). Tendo em conta que as condições relevantes para o presente estudo envolvem apenas quatro das sete condições originalmente incluídas no teste, os dados em discussão dizem respeito a doze itens de teste (três itens por cada uma das quatro condições).

Quanto aos informantes, o teste foi aplicado a um grupo experimental de teste de 41 crianças (23 raparigas e 18 rapazes), entre os 3;5 e os 6;3 anos (média: 5;1), falantes monolíngues de PE e sem diagnóstico conhecido de problemas auditivos e/ou cognitivos ou de perturbações específicas do desenvolvimento da linguagem. O teste foi ainda aplicado a um grupo de controlo de 30 adultos (18 mulheres e 12 homens) falantes monolíngues de PE, sem formação em Linguística e com a escolaridade mínima obrigatória concluída.²

² Na aplicação da TJVV, foi controlada a adequação prosódica das frases-estímulo, tendo estas sido previamente gravadas, de forma a garantir que os estímulos eram idênticos para todos os participantes.



2.1.2. Resultados

Os resultados globais da TJJVV (gráfico 1) mostram que as crianças apresentam um desempenho semelhante aos adultos em dois aspetos. Em primeiro lugar, verifica-se um melhor desempenho em estruturas com DP sujeito na periferia direita do que com DP objeto direto na periferia esquerda. Em segundo lugar, observa-se um melhor desempenho em estruturas com sujeitos na periferia direita do que em estruturas de inversão sujeito-verbo com sujeito associado a foco informacional.

No entanto, ainda que os dados mostrem uma convergência do comportamento das crianças com o dos adultos, o desempenho das crianças apresenta diferenças face ao dos adultos, tal como é possível verificar nas diferenças de percentagens de respostas convergentes com o esperado entre os dois grupos de informantes nas quatro condições analisadas. Assim, enquanto os adultos têm uma percentagem de respostas corretas de 88% nas estruturas com DP sujeito na periferia direita, de 63% nas estruturas de topicalização, de 75% nas estruturas de deslocação à esquerda clítica e de 54% nas estruturas de inversão sujeito-verbo com sujeito associado a foco informacional, o desempenho das crianças é de 65%, 48%, 56% e 48%, respetivamente.

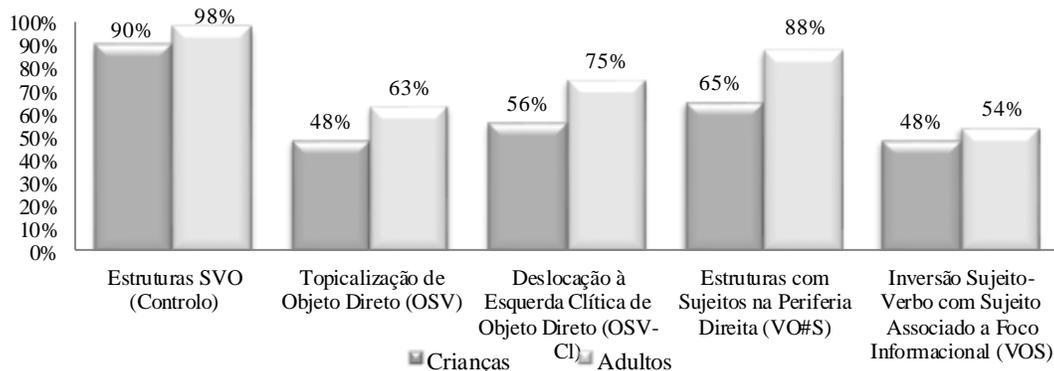


Gráfico 1: Distribuição global de respostas corretas (valores de médias).



2.2. Produção espontânea (adultos)

2.2.1. Metodologia

Os dados de produção espontânea analisados foram extraídos de uma amostra de um *corpus* de produção espontânea de PE: o *corpus* Santos (Santos, 2006/2009; Santos *et al.*, 2014).

O *corpus* em causa resulta de uma recolha (gravação em vídeo) naturalista da produção espontânea de três crianças, falantes monolíngues de PE e com idades compreendidas entre 1;5 e 3;11, em interação com adultos (as respetivas mães ou outros familiares e a investigadora). Este *corpus* é composto por sessenta e sete ficheiros correspondendo cada um a cerca de 45/50 minutos de interação espontânea adulto/criança (no total, aproximadamente 52 horas de fala). Os ficheiros que compõem o *corpus* encontram-se transcritos de acordo com o sistema CHILDES (MacWhinney, 2000) e incluem 27 595 enunciados de crianças e 70 736 enunciados de adultos (tabela 1). No presente trabalho, centramo-nos nas produções dos adultos.

Criança	Idade da criança-alvo	Ficheiros	MLUw da criança-alvo	Enunciados da criança-alvo	Enunciados dos adultos
TOM	1;6.18 - 3;10.16	30	1,286 - 3,089	15 548	29 398
INM	1;5.9 - 2;9.3	16	1,345 - 2,834	5456	19 386
INI	1;6.6 - 3;11.12	21	1,530 - 3,827	6591	21 952
Total		67		27 595	70 736

Tabela1: *Corpus* Santos (Santos, 2006/2009; Santos *et al.*, 2014).

Com o objetivo de avaliar a produção de estruturas com constituintes periféricos à esquerda e à direita em PE, procedeu-se à anotação manual de todas as estruturas com material periférico numa amostra de produção espontânea de discurso adulto (dirigido a crianças), amostra correspondente aos dados dos adultos (a mãe, o pai, uma avó, um tio e a investigadora, doravante designados MAE, PAI, AVÓ, TIO e ALS, respetivamente) que interagem com uma das crianças,



TOM, nas trinta sessões que constituem essa subparte do *corpus*. No total, foram analisados 29 398 enunciados, produzidos por 5 adultos, sendo que a maioria é produzida por dois desses adultos, MAE e ALS, que se encontravam sempre presentes em todas as sessões de gravação (tabela 2).

Adultos	Enunciados dos adultos
MAE	13 940
ALS	15 180
PAI	213
AVÓ	35
TIO	30
Total	29 398

Tabela 2: Enunciados por informante na amostra do *corpus* Santos (Santos, 2006/2009; Santos *et al.*, 2014).

Relativamente à anotação, refira-se que apenas se consideraram enunciados em que o material periférico ou constitui um constituinte argumental ou uma retoma, especificação ou reformulação de constituintes argumentais. Por último, refira-se ainda que a anotação não abrangeu estruturas com material periférico (i) em enunciados que constituíssem repetições imediatas de enunciados anteriores; (ii) em enunciados não perceptíveis; (iii) em enunciados incompletos, que tornassem difícil a avaliação da estrutura em causa; e (iv) em enunciados compostos por expressões memorizadas como unidades (como, por exemplo, expressões retiradas de canções, histórias e lengalengas). A opção de não incluir este último tipo de dados justifica-se por se considerar que estes não têm valor *per se* na avaliação da gramática da criança, na medida em que não são forçosamente combinações livres de palavras, geradas pela sua gramática mental, podendo ser antes combinações fixas de palavras, que a criança tenha adquirido como unidades.

2.2.2. Resultados



Dos resultados gerais da anotação dos dados de produção espontânea são de destacar três aspetos: (i) uma ocorrência considerável de estruturas com material periférico à esquerda (N = 198) e à direita (N = 188); (ii) um maior número de estruturas com sujeitos na periferia direita (N = 143) do que de estruturas com objetos diretos topicalizados (N = 28); e (iii) ausência de deslocamentos à esquerda e à direita clíticas.

Quanto aos dados relativos à ativação da periferia direita, são de salientar algumas características pela sua relevância para a avaliação das diversas análises propostas na literatura, bem como para a análise sintática da periferia direita aqui adotada.

Em primeiro lugar, os dados analisados mostram que o material periférico à direita é bastante diversificado quer do ponto de vista categorial quer do ponto de vista da sua função sintática. Do ponto de vista categorial, o material periférico à direita é essencialmente constituído por DPs plenos (8), pronomes demonstrativos (9) ou pronomes pessoais (10). Ocorrem igualmente enunciados em que o DP periférico à direita apresenta elipse nominal (11). Além de DPs, o material periférico pode ainda ser constituído por QPs (12), PPs (13) e CPs (14).

- | | |
|---|-------------------------------|
| (8) tem um cão (.) o pai . | [Adulto, ficheiro tom-1-7-14] |
| (9) e é o quê (.) esse ? | [Adulto, ficheiro tom-2-8-9] |
| (10) está um espertalhão (.) ele . | [Adulto, ficheiro tom-2-7-13] |
| (11) está na garagem da avó Tiz (.) a do papá ? | [Adulto, ficheiro tom-2-5-3] |
| (12) ai@i filho (.) vai fazer ai+ai à tua barriga (.) tanto café ! | [Adulto, ficheiro tom-2-3-9] |
| (13) não é bem assim (.) à chinês (.) filho. | [Adulto, ficheiro tom-2-4-0] |
| (14) ah@i (.) tu vais mostrar,, não é (.) como é . | [Adulto, ficheiro tom-1-6-18] |

Já quanto à função sintática, e embora na sua maioria o material periférico à direita esteja associado a constituintes com a função sintática de sujeito (15), são de registar casos em que o material periférico se encontra associado a constituintes com a função sintática de objeto direto (16) e indireto (17).

- | | |
|--------------------------------------|-------------------------------|
| (15) é tua Tomás (.) a mota ? | [Adulto, ficheiro tom-1-6-18] |
|--------------------------------------|-------------------------------|



(16) aprendeste onde **a canção do peixinho?** [Adulto, ficheiro tom-2-8-9]

(17) deu o quê (.) o João Pedro (.) **ao Tás@f?** [Adulto, ficheiro tom-2-4-0]

Neste contexto, refira-se que os enunciados em que se considerou haver ativação da periferia direita apresentavam pistas sintáticas e/ou prosódicas para o estatuto periférico do material à direita. Assim, além da alteração à ordem básica de palavras (nos casos de constituintes com a função de sujeito) e da presença de uma rutura melódica e/ou temporal entre o material frásico e o antitópico, em alguns enunciados, as estruturas com ativação da periferia direita coocorrem com vocativos (15), constituintes-*wh* (9, 16) e interrogativas-*tag* (14, 18). Crucialmente, os constituintes periféricos ocorrem, nestes contextos, pospostos a esses elementos. O caso de (18) é especialmente interessante porque ilustra um caso (aparente, como veremos adiante) de subextração do ramo direito.

(18) para não cair o sumo,, não é (.) **do pêssego?** [Adulto, ficheiro tom-2-6-6]

Por último, exemplos como (17) mostram ainda que é possível a ocorrência de mais do que um constituinte periférico à direita por enunciado, evidenciando, assim, o carácter iterativo das estruturas com constituintes interpretados como antitópico.

3. Assimetrias entre ordens de palavras

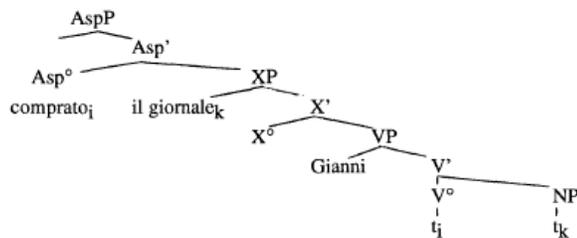
Além dos contrastes acima observados entre a compreensão e a produção de estruturas com material periférico à esquerda e à direita, outros dados colocam em evidência assimetrias entre estruturas com diferentes ordens de palavras não canónicas, nomeadamente entre VOS e VO#S e entre OSV e VO#S.

3.1. VOS vs. VO#S



Começemos por discutir a natureza de estruturas que correspondem a sujeitos focalizados em posição pós-verbal (identificadas como VOS). Vários têm sido os estudos que têm discutido a derivação de estruturas com sujeitos pós-verbais associados a foco informacional (Zubizarreta, 1995; Cardinaletti, 1998; Costa 1998, 2004; Belletti, 2004), defendendo que a posição pós-verbal do constituinte sujeito não é obtida por movimento desse mesmo constituinte (apresenta-se em (19) a derivação que Cardinaletti, 1998 apresenta para estruturas desse tipo). Em estruturas com ordem VOS, o sujeito pós-verbal ocupa uma posição interna a VP associada a foco informacional. Essa posição permite que o sujeito seja interpretado como informação nova do ponto de vista discursivo, recebendo, por defeito, o acento nuclear (crucialmente, sujeitos focalizados são produzidos sem rutura melódica ou temporal a precedê-los). De acordo com esta análise, o DP objeto, quando exista, cruza o DP sujeito, movendo-se para a posição de *Spec* de uma projeção máxima (cf. (19)) ou para uma posição de adjunção, por *Scrambling* de curta distância, como propõe Costa (1998, 2004). Em síntese, a ordem de palavras de enunciados como (20) é o resultado de uma derivação em que o DP sujeito permanece *in situ* em *Spec*,VP (vP, no quadro atual do Programa Minimalista) e o DP objeto o cruza, no seu movimento para uma posição mais baixa do que a ocupada pelo verbo, seja essa posição uma posição-A ou uma posição de adjunção.

(19)



[Cardinaletti, 1998: 18 (32)]

(20) Comeu a sopa o Paulo.

[Costa, 1998: 129 (53)]

Importa agora observar que, ainda que estruturas com inversão sujeito-verbo (VOS) e estruturas com sujeitos periféricos à direita (VO#S) apresentem a mesma ordem de palavras, um



conjunto de quatro propriedades distingue essas estruturas, apontando, por conseguinte, para uma análise diferenciada para as estruturas com ativação da periferia direita. Essas diferentes propriedades justificam a rejeição de uma análise do sujeito em estruturas VO#S como interno a TP.

A primeira assimetria entre VOS e VO#S diz respeito ao comportamento destas estruturas face a efeitos do Princípio C da Teoria da Ligação (21), como mostrou Costa (1998, 2004). Apenas nas estruturas VOS (21a), a ocorrência de um pronome em posição de sujeito pré-verbal correferente com um DP pós-verbal resulta numa violação do Princípio C, o que prova que apenas nestas estruturas tal DP (“o pai”) é c-comandado pelo pronome. Crucialmente, em estruturas VO#S, com constituintes sujeitos interpretados como antitópico (21b), o constituinte em posição final não é c-comandado pelo pronome, não desencadeando, assim, violações do Princípio C.

(21) a. *Ele tem um cão **o pai**.

b. Ele tem um cão # **o pai**.

O segundo contraste diz respeito à ordem de palavras em frases com interrogativas-*tag* (22). Nestes contextos, a interpretação do sujeito pós-verbal depende da posição que ocupa relativamente à interrogativa-*tag*: se ocorrer anteposto, é interpretado como focalizado; se ocorrer posposto, é interpretado como antitópico.

(22) a. Tem um cão **o pai**, não tem?

b. Tem um cão # não tem?# **o pai**

Dado que as interrogativas-*tag* são constituintes externos a TP, o facto de só em (22b) estar disponível a interpretação do sujeito como antitópico mostra que este ocupa igualmente uma posição externa a TP. Para que, num enunciado com a ordem de palavras de (22a), o sujeito pudesse ser interpretado como não focalizado, teria de ser antecedido da marcação prosódica típica dos constituintes periféricos à direita, como ilustrado em (23).



(23) Tem um cão # o pai # não tem?

Este comportamento levou Zubizarreta (1995) a propor que os constituintes sujeitos periféricos à direita sejam gerados numa posição externa à frase e, por conseguinte, que, na verdade, os próprios sujeitos periféricos à direita (S em VO#S) sejam *tags*.

Uma terceira propriedade que permite distinguir sujeitos em posição final interpretados como antitópico e como foco informacional são as restrições com DP indefinidos, que apenas afetam estruturas com constituintes periféricos à direita (24). Neste sentido, o material lexical que compõe o DP sujeito em ordens VO#S nunca pode ser indefinido (24b), mas no caso de um DP sujeito em ordens VOS pode (24a) (veja-se a discussão sobre o estatuto informacional do material na periferia direita, na secção 3.2.).

(24) a. Quem viu o acidente? Viu o acidente **um turista**.

b. ??E é verdade que viu o acidente # **um turista**.

Por último, são de referir assimetrias de comportamento entre ordens VOS e VO#S em relação a pronomes fortes em posição final interna à frase. Dados do inglês como os apresentados em (25), mostram que há restrições sobre a ocorrência de pronomes fortes em posição final interna a TP.

(25) a. *John gave Mary it.

John deu Mary isso

‘O John deu isso à Mary.’

b. John gave it to Mary.

John deu isso à Mary

Ora, o mesmo tipo de restrição opera sobre sujeitos finais interpretados como focalizados (26a), mas não sobre sujeitos finais interpretados como antitópico (26b) em PE, o que constitui



um argumento adicional para a diferença de posição sintática ocupada por estes dois tipos de constituintes.

(26) a. Quem disse um disparate? *Disse um disparate **ela**.

b. E é verdade que disse um disparate # **ela**.

3.2. OSV vs. VO#S

A literatura tem também discutido assimetrias de estatuto sintático e informacional entre as periferias esquerda e direita. Quanto ao estatuto sintático, análises inter e intralinguísticas têm debatido se os constituintes nas duas periferias são derivados por movimento ou por *merge* (Duarte, 1987, 1996, para o PE; De Cat, 2002, 2007, para o francês).

Para o PE, Duarte (1987, 1996) defende que, em estruturas com ordem OSV, o material na periferia esquerda pode ser derivado pelas duas operações, pois, dos quatro tipos de tópicos marcados que podem ocorrer na periferia esquerda da frase, três resultam de *merge* (tópico pendente, deslocação à esquerda de tópico pendente e deslocação à esquerda clítica) e um de movimento (topicalização, incluindo a sua variante selvagem ou não canónica). No que diz respeito especificamente às estruturas com a ordem OSV geradas por topicalização, Duarte (1987, 1996) propõe, à semelhança do proposto para línguas como o inglês (Ross, 1967; Lasnik & Saito, 1992) e o italiano (Calabrese, 1982; Cardinaletti, 1998, 2002), que, em PE, o constituinte interpretado como tópico é derivado por movimento da posição de base onde é gerado para uma posição de adjunção à esquerda a SFLEX ou a SCOMP (IP/TP ou CP, no quadro atual do Programa Minimalista). Para a autora, o constituinte com a função de sujeito ocuparia, assim, nestas estruturas, a posição de *Spec,TP* e o constituinte com a função de objeto uma posição na periferia esquerda.

Não existindo à data nenhuma análise que explique a derivação de estruturas com ordem VO#S em PE, importa verificar se essas estruturas apresentam ou não um comportamento semelhante a estruturas com a ordem OSV que leve a propor a mesma análise para os dois tipos



de estrutura. Na verdade, três tipos de evidência revelam assimetrias entre as duas periferias da frase.

Um desses contrastes está relacionado com a impossibilidade de ocorrência de quantificadores negativos na periferia esquerda (Calabrese, 1982; Duarte, 1987, 1996), mas não na periferia direita (27). Com efeito, a impossibilidade de legitimação de quantificadores negativos inseridos em constituintes periféricos à esquerda (27a) decorre do facto de esses itens não ocorrerem sob o escopo de um operador de negação, já que, ao encontrarem-se inseridos num constituinte periférico que ocupa uma posição alta na arquitetura da frase, não ocorrem sob o comando do operador de negação nem podem estabelecer uma relação de concordância com tal núcleo. Em contrapartida, a possibilidade de ocorrência de quantificadores negativos em constituintes à direita (27b) parece indicar que estes constituintes não podem ser derivados por movimento para uma posição semelhante à que é ocupada por constituintes topicalizados. Voltaremos a esta questão.

(27) a. ***Nenhum cão**, o pai (não) tem agora.

b. E é verdade que não teria feito isso # **nenhum cão**.

Um segundo contraste diz respeito às diferenças entre as duas periferias quanto à legitimação de variáveis. Exemplos como (28) mostram que, contrariamente à periferia direita, a periferia esquerda legitima lacunas parasitas, o que é adequadamente predito por uma análise por movimento (Duarte, 1987, 1996). A gramaticalidade de frases como (28a) decorre, portanto, do facto de, do movimento-A' do tópico para a periferia esquerda, resultar uma variável, i.e., uma categoria vazia A'-ligada localmente pelo tópico e sujeita ao Princípio C da Teoria da Ligação. Uma vez mais, o comportamento distinto das estruturas com constituintes à direita (28b) parece indicar que estes constituintes não resultam do mesmo tipo de derivação.

(28) a. **Esse casaco_i**, o pai deixou em cima da cama sem vestir [-]_i.

b. *O pai deixou em cima da cama # **esse casaco_i** (#) sem vestir [-]_i.



Para o inglês, Ross (1967) havia já notado contrastes entre estruturas com constituintes periféricos à esquerda e à direita no que diz respeito à legitimação de *gaps*. De facto, como o contraste entre os exemplos em (29a) e (29b) indica, apenas as estruturas com constituintes periféricos à esquerda legitimam um *gap* que é variável na posição interna à frase a que o constituinte periférico se encontra associado.

(29) a. **That guy who's always following us**, I spoke to [-] about the war yesterday.

aquele rapaz que+está sempre seguindo nos eu falei com sobre a guerra ontem

‘Com aquele rapaz que nos está sempre a seguir, eu falei sobre a guerra ontem.’

b. *I spoke to [-] about the war yesterday, **that guy who's always following us**.

[Ross, 1967: 238 (6.153)]

Por último, as duas periferias apresentam comportamentos assimétricos relativamente à possibilidade de um NP *bare* poder constituir o material periférico. Com efeito, exemplos como (30) mostram que na periferia direita só marginalmente são aceites NPs *bare*.

(30) a. **Chocolates**, já comprei ontem.

b. ?? Já comprei ontem # **chocolates**.

Este contraste está diretamente relacionado com o estatuto informacional do material periférico à esquerda e à direita. Análises inter e intralinguísticas revelam assimetrias discursivas entre as duas periferias da frase, já que os constituintes periféricos à esquerda podem codificar quer informação dada quer informação nova (Reinhart, 1982, para o inglês; Duarte, 1987, 1996, 2013, para o PE; Frascarelli & Hinterhölzl, 2007, para o italiano), mas os constituintes periféricos à direita só podem codificar informação dada (Frascarelli & Hinterhölzl, 2007, Brunetti, 2009, para o italiano; Duarte, 2013, para o PE).



Baseando-se no trabalho de Vallduví (1992) para o catalão, Brunetti (2009) assume que a estrutura informacional de uma frase, em italiano, é composta por *focus* e (*back*)*ground*, sendo este último, por sua vez, constituído por *link* e *tail*, e argumenta que *links* e *tails* têm propriedades distintas. A autora argumenta que os *links*, sendo constituintes iniciais pré-foco, implicam mudança de tópico (*shifting topics*). Essa possibilidade de mudança de tópico explica por que razão os *links* podem ter uma interpretação contrastiva (31a).³ Já os *tails*, que são material (tipicamente) deslocado à direita pós-foco, são sempre informação dada, o que se relaciona com o facto de nunca implicarem mudança de tópico (31b).

- (31) a. Sai? **A mio fratello** (gli) hanno rubato la moto. [Brunetti, 2009: 760 (14)]
sabes ao meu irmão o ter.PRET-3PL roubado a mota
'Sabes? Ao meu irmão, roubaram a mota.'
- b. ?? Sai? (Gli) hanno rubato la moto, **a mio fratello**. [Brunetti, 2009: 761 (17)]

Dados idênticos que confirmam assimetrias discursivas entre periferias foram apresentados para o francês por De Cat (2002, 2007). Partindo das diferenças de juízos de gramaticalidade entre dados como (32a) e (32b), a autora defende que apenas as deslocções à esquerda legitimam a ocorrência de constituintes deslocados com valor contrastivo ou enfático.

- (32) Je ne vois presque jamais Alice.
eu NEG vejo quase nunca Alice
'Eu quase nunca vejo a Alice.'
- a. Mais **sa soeur**_i, je la_i vois souvent.
mas sua irmã eu a vejo às+vezes
'Mas a irmã, vejo-a às vezes.'
- b. #Mais je la_i vois souvent, **sa soeur**_i. [De Cat, 2002: 148 (4.108)]

³ No entender da autora, a interpretação contrastiva dos *links* só é legítima porque a mudança de tópico implica a existência de um conjunto alternativo de tópicos, ou seja, uma escolha entre várias possibilidades presentes no contexto situacional relevante, assim como já havia sido defendido por Reinhart (1982), para o inglês.



Também para o PE, Duarte (2013) defende que o material na periferia direita é sempre informação dada, já que os constituintes finais interpretados como antitópico são tipicamente expressões definidas que assinalam a manutenção do mesmo tópico ao longo da sequência discursiva e nunca introduzem referentes novos no discurso (veja-se, a este propósito, a agramaticalidade de (30b)). Esta propriedade distingue os constituintes à direita dos constituintes na periferia esquerda, na medida em que material lexical que constitui um tópico à esquerda, independentemente de poder ter um valor contrastivo, pode corresponder a informação dada ou nova (Duarte, 1987, 1996). Deste aspeto dá exatamente conta o exemplo (33), em que se contrasta a impossibilidade de o material na periferia direita ter o estatuto informacional de novo (33b) com o que acontece com material periférico à esquerda (33a).

(33) O Pedro vê muitas vezes o Gonçalo.

a. Mas **a irmã**, ele vê raramente.

b. *Mas ele vê raramente # **a irmã**.

4. Estatuto sintático da periferia direita

Ainda que a periferia direita permaneça relativamente pouco estudada em comparação com a periferia esquerda, alguns estudos têm avançado propostas para dar conta de estruturas com material periférico à direita. Discutir-se-ão em seguida algumas das propostas que têm vindo a ser feitas, tendo em conta as assimetrias descritas anteriormente. No âmbito desses estudos, encontram-se propostas que envolvem movimento (Ambar & Pollock 2002, Kayne, 1995; Villalba, 1996, 1998, 1999, 2000; Cecchetto, 1999; Belletti, 2004; López, 2003, 2009), bem como *merge* direto (De Cat, 2002, 2007) do constituinte periférico à direita. Além das propostas que analisam as estruturas com constituintes à direita como construções derivadas exclusivamente por movimento ou por *merge*, é de salientar um outro conjunto de análises por proporem derivações que envolvem elipse (de Vries, 2007, 2009a/b, 2013; Ott & de Vries, 2012, em preparação).



4.1. Análises por movimento para a esquerda

Assumindo a hipótese da Antissimetria da Sintaxe (Kayne, 1994), algumas das análises que admitem movimento para gerar constituintes periféricos à direita argumentam que, na verdade, esses constituintes são gerados por (sucessivos) movimentos para a esquerda.

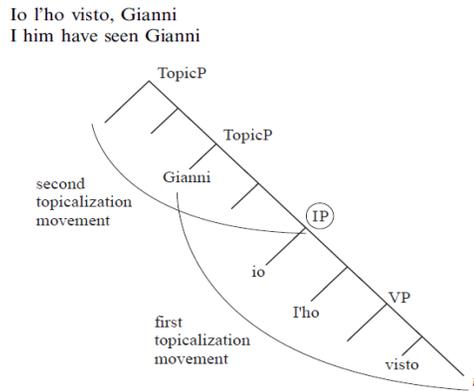
Uma das primeiras análises a propor que os constituintes à direita seriam gerados por movimentos para a esquerda é a análise de Kayne (1995), designada análise por dupla topicalização.⁴ No âmbito desta proposta, os constituintes à direita seriam o resultado de uma dupla operação de topicalização (34). Em primeiro lugar, movimento do constituinte periférico à direita para uma posição de Tópico (TopP). Em segundo lugar, movimento do IP *remnant* para uma posição mais alta na arquitetura da frase, que deixa *stranded* o constituinte movido inicialmente para TopP. Note-se, pois, que a posição pós-verbal do constituinte à direita é resultado de uma inversão de IP, operação que, não ocorrendo, desencadeia uma estrutura de deslocação à esquerda clítica (em (34), ou de topicalização), já que a primeira operação na derivação das estruturas com constituintes à direita é uma operação comum às estruturas com constituintes periféricos à esquerda. No mesmo sentido vão as análises propostas por Cardinaletti (1998, 2002), para o italiano, e por Ambar & Pollock (2002), para o PE e o francês, que também envolvem uma topicalização com inversão de IP, ainda que para posições sintáticas distintas.⁵

⁴ A proposta de Kayne (1995) é diferente da apresentada em Kayne (1994). Nesta última, o autor considera que a deslocação à direita é um fenómeno gramatical de movimento à esquerda envolvendo os níveis de interface com a Forma Lógica e a Forma Fonética, propondo, neste sentido, que a deslocação à direita é a contrapartida não explícita da deslocação à esquerda, já que os constituintes à direita seriam basicamente gerados na posição de complemento e movidos para a mesma posição ocupada pelos constituintes deslocados à esquerda só em Forma Lógica, sendo o movimento não explícito e, portanto, invisível à Sintaxe.

⁵ Uma proposta semelhante foi avançada por Frascarelli (2000, 2004). Contudo, esta autora defende que o constituinte à direita é gerado basicamente numa posição de Tópico (TopP), que domina imediatamente FocP ao nível da periferia esquerda da frase (não sendo, por conseguinte, topicalizado).

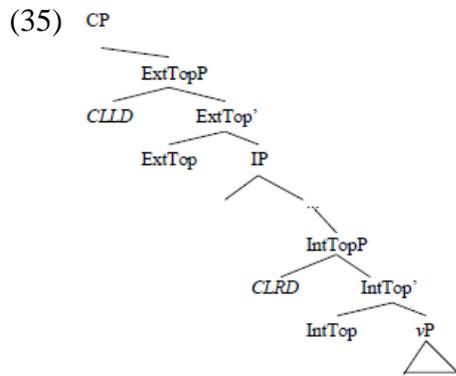


(34)



[Kayne, 1995, *apud* Cecchetto, 1999: 49 (22)]

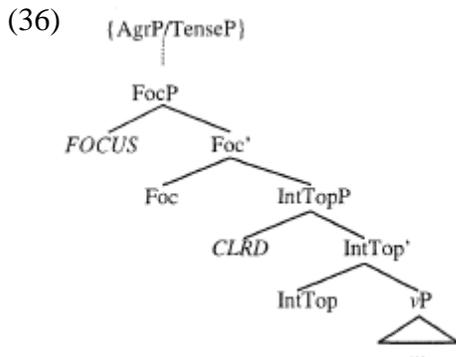
Assumindo igualmente a ilegitimidade de movimentos por adjunção à direita, postulada em Kayne (1994), um outro conjunto de propostas tem defendido também uma análise por deslocação à esquerda, mas para uma posição baixa na estrutura da frase. A mais relevante destas propostas, porque inspiradora de análises subsequentes (Cecchetto, 1999; Belletti, 2004; López, 2003, 2009), é a análise de Tópico cindido (*Split-Topic Analysis* – Villalba, 1996, 1998, 1999, 2000), que postula a existência de duas posições de Tópico para dar conta, de forma unificada, por movimento para a esquerda, das estruturas com constituintes à esquerda e à direita em catalão. De acordo com esta análise, os constituintes à direita mover-se-iam para a posição de especificador de *Internal Topic Phrase* (IntTopP), posição que domina imediatamente vP, ao passo que os constituintes à esquerda se moveriam para a posição de especificador de *External Topic Phrase* (ExtTopP), posição do sistema CP (35).



[Villalba, 2000: 218 (1)]



No caso das estruturas com constituintes à direita, um movimento adicional teria ainda lugar: o remanescente do vP mover-se-ia para uma posição baixa de Foco (FocP), acima de IntTopP, em particular para *Spec*,FocP, fazendo derivar a ordem de palavras correta e, conseqüentemente, fazendo com que o antitópico ocorra à direita (36).



[Villalba, 2000: 233 (23)]

Na verdade, ambos os tipos de análise representados em (34) e (35-36) apresentam problemas quando confrontados com os dados que apresentámos na secção anterior.

Em primeiro lugar, uma análise que proponha uma derivação por movimento para a esquerda (mesmo que para posições distintas) do material de ambas as periferias não permite dar conta das assimetrias encontradas em PE entre a compreensão e a produção de estruturas com material periférico à esquerda e à direita. Relativamente à compreensão, e retomando os dados experimentais, saliente-se a assimetria entre a compreensão de estruturas com DPs nas duas periferias. Ainda que com valores percentuais diferentes, tanto as crianças como os adultos testados apresentaram um melhor desempenho nas estruturas com sujeitos periféricos à direita (crianças: 65%; adultos: 88%) do que nas estruturas com objetos diretos topicalizados (crianças: 48%; adultos: 63%). Quanto aos dados de produção espontânea de discurso adulto (dirigido a crianças), sublinhe-se a maior frequência de estruturas com sujeitos na periferia direita (N = 143) do que com objetos diretos topicalizados (N = 28). Ora, se assumirmos uma métrica de complexidade em que cada nova operação (de movimento) aumenta o nível de complexidade da estrutura (cf. Jakubowicz, 2004, 2005, 2011; Jakubowicz & Strik, 2008), esperaríamos resultados



inversos aos encontrados nas crianças, i.e., esperaríamos percentagens de acerto superiores na compreensão de estruturas de topicalização do que nas de sujeitos periféricos à direita, já que nestas há mais um movimento do que naquelas.

Factos problemáticos para as análises por movimento para a esquerda de constituintes na periferia direita são também os contrastes relativos à legitimação de lacunas parasitas e à possibilidade de subextração.

Quanto ao primeiro contraste, note-se que, ao propor o mesmo tipo de movimento para os dois tipos de estruturas com material periférico, estas análises não permitem dar conta do facto de apenas as estruturas com constituintes à esquerda legitimarem lacunas parasitas, como exemplificado em (28), aqui retomado em (37).

(37) a. **Esse casaco**_i, o pai deixou em cima da cama sem vestir [-]_i.

b. *O pai deixou em cima da cama # **esse casaco**_i (#) sem vestir [-]_i.

O segundo contraste envolve estruturas com material periférico resultante de subextração (veja-se (18), aqui retomado em (38)).

(38) para não cair o sumo,, não é (.) **do pêssego?** [Adulto ALS, ficheiro tom-2-6-6]

O PE inclui-se no conjunto de línguas que não admitem subextração do ramo esquerdo (39), uma restrição observada por Ross (1967), que lhe chamou Condição do Ramo Esquerdo e a considerou quase universal.⁶

(39) a. *Quantos capítulos é que já leste desse livro, Pedro?

b. *Três capítulos, já li desse livro, Maria.

⁶ De acordo com este autor, só algumas línguas com muita morfologia flexional e com uma operação de *Scrambling* produtiva poderiam escapar à Condição do Ramo Esquerdo.



Contudo, os autores dividem-se quanto à possibilidade de subextração do ramo direito de um DP. Para Bach & Horn (1977), este é também um movimento ilegítimo, de que dão conta através da Restrição do NP.⁷ Contudo, dados de várias línguas, incluindo do PE, mostram que, quando o NP que contém o constituinte subextraído é um argumento interno (direto) e existe uma relação semântica forte ou uma relação temática entre o núcleo do NP e o constituinte subextraído, o resultado pode ser gramatical (40).

- (40) a. De que livro já leste três capítulos?
b. Desse livro, já li três capítulos.

Ora, o exemplo (38), gramatical, mostra um caso de aparente subextração a partir de um DP interpretado como argumento interno do verbo inacusativo “cair”, numa oração adjunta final. A adotar análises de movimento para a esquerda desta estrutura, teríamos de admitir a existência de estádios intermédios da derivação idênticos a estruturas agramaticais como (41), já que a topicalização de constituintes em orações adjuntas é ilegítima em PE, como se espera se estas estruturas envolverem movimento (Duarte, 1987, 1996).

- (41) a. *para, **do pêssego**, não cair o sumo, não é?
b. ***do pêssego**, para não cair o sumo, não é?

Um outro problema para as análises por movimento para a esquerda é a ocorrência de interrogativas--*wh* em que o constituinte-*wh in situ* precede um constituinte periférico à direita, como é o caso dos exemplos (9) e (16), aqui repetidos como (42) e (43). Neste caso, uma análise por movimento *à la* Kayne (1995) exigiria uma derivação muito complexa, em que se teria de assumir, entre os dois nós TopP um nó intermédio, FocP, para o *Spec* do qual se deslocaria todo o IP *remnant*, que seria posteriormente movido para o *Spec* do TopP mais alto, deixando o constituinte-*wh stranded* em *Spec,FocP*. Este tipo de dados revela-se ainda mais problemático

⁷ Veja-se a formulação da Restrição do NP dada pelos autores: “No constituent that is dominated by NP can be moved or deleted from that NP by a transformational rule.” (Bach & Horn, 1976: 277-278).



para a análise de Tópico cindido (Villalba, 1996, 1998, 1999, 2000), já que o constituinte-*wh* e o remanescente do *vP* competiriam pela mesma posição, *Spec,FocP*. No mesmo sentido vão também dados em que as estruturas com ativação da periferia direita coocorrem com interrogativas-*tag*, como nos exemplos (14) e (18), aqui repetidos em (44) e (45). A este propósito, lembre-se que as interrogativas-*tag* marcam a fronteira direita da frase, considerando, inclusivamente, Zubizarreta (1995) que os próprios constituintes deslocados à direita são *tags* (cf. discussão dos exemplos (22) e (23), na secção 3.1.).

- | | |
|--|-------------------------------|
| (42) e é o quê (.) esse? | [Adulto, ficheiro tom-2-8-9] |
| (43) aprendeste onde a canção do peixinho? | [Adulto, ficheiro tom-2-8-9] |
| (44) ah@i (.) tu vais mostrar,, não é (.) como é. | [Adulto, ficheiro tom-1-6-18] |
| (45) para não cair o sumo,, não é (.) do pêssigo? | [Adulto, ficheiro tom-2-6-6] |

Por último, saliente-se que as análises que propõem uma derivação por movimento para o material nas duas periferias da frase não permitem explicar as diferenças entre estas quanto às restrições sobre a natureza dos DP. Como mostrámos, as duas periferias apresentam comportamentos assimétricos relativamente à possibilidade de legitimação de NPs *bare* e de DPs indefinidos.

4.2. Análise por *merge* direto

Com base em dados do francês falado, De Cat (2002, 2007) propõe que as deslocções à direita (e também à esquerda) não envolvem movimento, sendo os constituintes deslocados gerados por adjunção por *first-merge* a uma Projeção Discurso, definida como uma projeção máxima com propriedades de frase-raiz, projeção essa tipicamente correspondente a TP finito. Na prática, os constituintes deslocados são adjuntos à direita (ou à esquerda, caso se trate de uma deslocação à esquerda) de frases com um T que possua um traço [discurso]. Crucialmente, para a autora, a opção por este tipo de análise prediz a ausência de restrições sintáticas quanto ao número de tópicos permitido por frase e à natureza, raiz ou encaixada, da frase.



The adjunction analysis predicts that French dislocated elements can appear at the edge of any Discourse projection and that there is no syntactic constraint as to the number of topics allowed nor as to whether they appear in root or embedded clauses. (De Cat, 2007: 517)

Um dos principais problemas que a análise por *first-merge* enfrenta diz respeito a efeitos do Princípio C da Teoria da Ligação, já observados na secção 3.1. Note-se que uma análise por *merge* numa posição alta, periférica à direita, não permite dar conta adequadamente de estruturas com constituintes periféricos à direita em PE, porque não prediz contrastes de gramaticalidade como o existente entre (46a) e (46b). Para uma análise como a de De Cat (2002, 2007), ambas as estruturas deveriam ter o mesmo estatuto: ser ambas gramaticais, por não serem sensíveis ao Princípio C, ou ser ambas agramaticais, por serem sensíveis ao Princípio C.

(46) a. *A mãe tem os livros da **Maria**_i # **ela**_i.

b. **A mãe**_i tem os livros da Maria # **ela**_i.

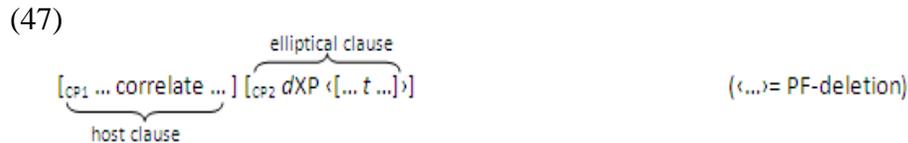
4.3. Análise em termos de coordenação parentética, movimento e elipse

Trabalhos sobre o neerlandês e o alemão sugeriram um terceiro tipo de análise: uma análise por coordenação especificante não-restritiva ou parentética, que envolve movimento e elipse no constituinte parentético (de Vries, 2007, 2009a/b, 2013; Ott & de Vries, 2012, em preparação).

De acordo com esta análise, os constituintes periféricos à direita são derivados a partir de uma estrutura bioracional, em que parte do segundo CP é elidida após movimento para a esquerda do constituinte periférico no interior desse CP (47), uma derivação parcialmente semelhante à de *Sluicing*. As estruturas com constituintes periféricos à direita seriam, portanto, derivadas através de duas operações sintáticas e de uma operação em Forma Fonética (FF): em primeiro lugar, uma operação de *merge* de um CP2, localmente justaposto e necessariamente paralelo à frase (o CP1); em segundo lugar, uma operação de movimento, que desloca o



constituente periférico para o *Spec* do CP2 (ou seja, topicalização do constituinte periférico); em terceiro lugar, apagamento da parte redundante do CP2 em FF (isto é, de todo o material no CP2, com exceção do que tratamos como periférico à direita).



[Ott & de Vries, em preparação: s.p. (119)]

Nesta perspetiva, os constituintes periféricos são considerados fragmentos remanescentes da elipse de um CP2, não sendo, conseqüentemente, só o constituinte periférico que é interpretado como parentético, mas toda a proposição expressa por esse segundo CP, ainda que apenas o constituinte periférico seja realizado foneticamente. A este respeito, saliente-se que, segundo os autores, que seguem de perto a análise da elipse proposta por Merchant (2001, 2004), a elipse que ocorre no CP2 está sujeita às condições gerais de recuperabilidade, sendo legitimada pelo paralelismo semântico existente entre os dois CPs. Os dados do PE que temos vindo a considerar fornecem evidência empírica para a ocorrência de elipse nas estruturas com constituintes periféricos à direita. Com efeito, uma análise envolvendo elipse permite dar conta de efeitos de conectividade relacionados com o Princípio C da Teoria da Ligação, já que prediz que o comportamento do constituinte à direita seja idêntico ao que teria na contrapartida não elítica, como ilustrado em (48). De facto, à semelhança de (48a'), a agramaticalidade de (48a) deve-se ao facto de o antitópico “ela” não poder ser correferente com o DP “a Maria”, na medida em que, sendo esse DP uma expressão referencial, o mesmo deve ser livre e não se encontrar ligado por um pronome que o c-comande no complexo funcional completo em que ocorre.

- (48) a. *[CP₁ A mãe tem os livros da Maria,_i] [CP₂ ela_i ~~tem os livros da Maria_i~~]_i.
 a'. *Ela_i tem os livros da Maria_i.
 b. [CP₁ A mãe tem os livros da Maria,_i] [ela_i ~~tem os livros da Maria_k~~]_k].



b'. Ela_i tem os livros da Maria_k.

Outra das evidências empíricas para a assunção de elipse prende-se com a ocorrência de efeitos de conectividade associados à existência de conformidade casual e categorial em estruturas com constituintes periféricos à direita, argumento já utilizado por Merchant (2001, 2004), na análise por elipse de fragmentos. Tal como se observa em (49), é possível verificar que uma análise que envolva elipse permite dar conta de o constituinte periférico à direita apresentar o mesmo Caso que exibiria na contrapartida não elítica.

- (49) a. [CP₁ *pro* não arrumei a casa ontem,] [CP₂ eu_{NOMINATIVO} ~~não arrumei a casa ontem~~].
a'. Eu_{NOMINATIVO} não arrumei a casa ontem.
b. *[CP₁ *pro* não arrumei a casa ontem,] [CP₂ (a) *mim*_{OBLÍQUO} ~~não arrumei a casa ontem~~].
b'. *(A) *Mim*_{OBLÍQUO} não arrumei a casa ontem.

Da mesma forma, uma análise que envolva elipse permite dar conta de efeitos de conectividade categorial com PPs encabeçados por preposições plenas (50).

- (50) a. [CP₁ Fui ao cinema com elas,] [CP₂ ~~fui ao cinema~~ com as minhas primas].
a'. Fui ao cinema com as minhas primas.
b. *[CP₁ Fui ao cinema com elas,] [CP₂ ~~fui ao cinema~~ as minhas primas].
b'. *Fui ao cinema as minhas primas

Adicionalmente, assinala-se que a ocorrência de elipse no material periférico à direita é efetivamente observada em produção espontânea, em casos em que o DP periférico à direita apresenta elipse nominal como (11), repetido em (51) – a elipse encontra-se assinalada com [-].

(51) está na garagem da avó Tiz (.) a [-] do papá? [Adulto, ficheiro tom-2-5-3]



Se existe evidência empírica para assumir a ocorrência de elipse em estruturas com constituintes periféricos à direita, o mesmo não acontece com a proposta de que a supressão do material idêntico em FF seja antecedida de movimento-A', para o *Spec* do CP2, como defendem de Vries (2007, 2009a/b, 2013) e Ott & de Vries (2012, em preparação).

Com efeito, a ideia de que o constituinte periférico à direita foi extraído por movimento-A' é problemática porque não dá conta de nenhuma das assimetrias entre periferias esquerda e direita já discutidas, isto é, enfrenta exatamente os mesmos problemas que aqui já apontámos às análises que derivam a periferia direita por movimento (para a esquerda) (secção 4.1.).

Além disso, uma análise que postule movimento-A' do constituinte periférico prévio à supressão do material idêntico em FF não dá conta do comportamento assimétrico entre periferias relativamente à extração de ilhas fortes (52).

(52) a.* Com a Maria, o João telefonou-nos [sem falar].

b. O João telefonou-nos sem falar # com a Maria.

De facto, de acordo com a análise de de Vries (2007, 2009a/b, 2013) e Ott & de Vries (2012, em preparação), a estrutura sintática final do CP2 de (52b) é idêntica à de (52a), como se pode ver em (53), o que não permite dar conta do contraste de gramaticalidade entre os dois exemplos. Note-se que, no caso da periferia direita (53b), apenas o material topicalizado no CP2, isto é [com a Maria], seria pronunciado.

(53) a.* Com a Maria, o João telefonou-nos [sem falar ~~com a Maria~~].

b.* [CP2 Com a Maria, o João telefonou-nos [sem falar ~~com a Maria~~]

Embora se saiba que, em certas estruturas, a elipse pode “salvar” problemas sintáticos, uma análise que dispense o movimento-A' do constituinte periférico à direita dá diretamente conta deste contraste: (52a) é agramatical porque implica extração de um domínio ilha; (52b) não envolve extração de uma ilha forte e é gramatical pelas mesmas razões que (54). No caso de



(52b), a estrutura do CP2 seria a que se encontra em (55), sendo o material rasurado neste exemplo material elidido (i.e., não pronunciado em FF).

(54) O João telefonou-nos sem falar com a Maria.

(55) [_{CP2} ~~O João telefonou-nos~~ ~~[sem falar~~ com a Maria]

Sabemos que, neste caso, a nossa análise terá de aceitar a elipse de constituintes menores ou mesmo de não constituintes — veja-se, em Santos (2009), a sugestão de que, na verdade, essa pode ser uma consequência natural de se assumir que a elipse é em parte um fenómeno de FF.

5. Conclusões

Os dados experimentais de crianças e os dados de produção espontânea recolhidos na fala de adultos dirigida às crianças revelaram a disponibilidade de estruturas até aqui pouco estudadas na literatura sobre o PE. A descrição destes dados conduziu à revisão de análises propostas para a periferia direita para várias línguas e à sua avaliação pelo confronto com os dados empíricos encontrados e com a teoria sintática. Concluímos que tanto as análises por movimento para a esquerda como as de *merge* direto apresentam problemas. Pelo contrário, mostrámos que uma análise envolvendo elipse de um CP especificante é empiricamente motivada. Contudo, contrariamente a de Vries (2007, 2009a/b, 2013) e Ott & de Vries (2012, em preparação), defendemos que na derivação destas estruturas atuam apenas dois (e não três) tipos de operações: uma operação sintática (*merge* do CP2 à direita do CP1) e uma operação de supressão da parte redundante do CP2 em Forma Fonética.

Note-se que esta análise não só dá conta de todas as assimetrias observadas entre periferia esquerda e direita, como permite compreender restrições sobre a natureza dos DPs que podem ocorrer na periferia direita – elementos que especificam informação explícita ou implícita no CP1 e, portanto, tipicamente definidos.



Finalmente, estamos conscientes de que a análise que propomos obriga a assumir a elipse de constituintes menores ou mesmo de não constituintes como já foi defendido para fragmentos em PE em Santos (2009).

Agradecimentos

O trabalho desenvolvido por Inês Duarte e Ana Lúcia Santos insere-se no projeto *Contrast and Parallelism in Speech* (PTDC/CLE-LIN/120017/2010), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O trabalho desenvolvido por Silvana Abalada foi realizado no âmbito do projeto de Doutoramento intitulado *Aquisição das Periferias Esquerda e Direita em Português Europeu* (FCT/SFRH/BD/80331/2011), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Referências

- Abalada, Silvana (2011) *Aquisição de Estruturas com Constituintes nas Periferias Esquerda e Direita da Frase em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, FLUL.
- Ambar, Manuela & Jean-Yves Pollock (2002) Topic vs. Comment in some Subject Inversion Sentences in French and Portuguese. In *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (1), pp. 119-138
- Bach, Emmon & George M. Horn (1977) Remarks on 'Conditions on Transformations'. In *Linguistic Inquiry* 7, pp. 265-299.
- Belletti, Adriana (2004) Aspects of the Low IP Area. In Luigi Rizzi (ed.) *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*. Volume 2. Oxford/New York: Oxford University Press, pp. 16-51.



- Brunetti, Lisa (2009) On Links and Tails in Italian. In *Lingua* 119 (5), pp. 756-781.
- Calabrese, Andrea (1982) Alcune ipotesi sulla struttura infirmazionale della frase in italiano e sul suo rapporto con la struttura fonologica. In *Rivista di Grammatica Generativa* 7, pp. 3-78.
- Cardinaletti, Anna (1998) A second thought on *Emarginazione*: Destressing vs. 'Right Dislocation'. In *University of Venice Working Papers in Linguistics* 8 (2), pp. 1-28.
- Cardinaletti, Anna (2002) *Against Optional and Zero Clitics. Right Dislocation vs. Marginalization*. In *Studia Linguistica* 56 (1), pp. 29-57.
- Cecchetto, Carlo (1999) A Comparative Analysis of Left and Right Dislocation in Romance. In *Studia Linguistica* 53 (1), pp. 40-67.
- Costa, João (1998) *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*. Tese de Doutoramento, Holland Institute of Generative Linguistics/Leiden University.
- Costa, João (2004) *Subject Positions and Interfaces: The Case of European Portuguese*, Studies in Generative Grammar 73. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Crain, Stephen & Rosalind Thornton (1998) *Investigations in Universal Grammar: A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- De Cat, Cécile (2002) *French Dislocation*. Tese de Doutoramento, The University of York. Publicação: 2007, Oxford/New York: Oxford University Press.
- De Cat, Cécile (2007) French dislocation without movement. In *Natural Language & Linguistic Theory* 25 (3), pp. 485-534.
- Duarte, Inês (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Duarte, Inês (1996) A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa. In Inês Duarte & Isabel Leiria (eds.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Volume 1. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, pp. 327-360.
- Duarte, Inês (2013) Construções de Topicalização. In Eduardo Bozaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (eds.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 399-426.



- Frascarelli, Mara (2000) *The syntax-phonology interface in focus and topic constructions in Italian*, Studies in Natural Language & Linguistic Theory 50. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Frascarelli, Mara (2004) Dislocation, Clitic Resumption and Minimality: A Comparative Analysis of Left and Right Topic Construction in Italian. In Reineke Bok-Bennema, Bart Hollebrandse, Brigitte Kampers-Manhe & Petra Sleeman (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 99-118.
- Frascarelli, Mara & Roland Hinterhölzl (2007) Types of Topics in German and Italian. In Susanne Winkler & Kerstin Schwabe (eds.) *On Information Structure, Meaning and Form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Jakubowicz, Celia (2004) Is Movement Costly? The Grammar and the Processor in Language Acquisition. Comunicação apresentada na *JEL'2004 (Journée d'Etudes Linguistiques)*, Nantes, 5 a 7 de maio.
- Jakubowicz, Celia (2005) The Language Faculty: (Ab)normal Development and Interface Constraints. Comunicação apresentada no *GALA 2005 (Generative Approaches to Language Acquisition)*, Sienne, 8 a 10 de setembro.
- Jakubowicz, Celia (2011) Measuring Derivational Complexity: New Evidence from Typically Developing and SLI Learners of L1 French. In *Lingua* 121 (3), pp. 339–351.
- Jakubowicz, Celia & Nelleke Strik (2008) Scope-marking Strategies in the Acquisition of Long Distance Wh-Questions in French and Dutch. In *Language and Speech* 51 (1 & 2), pp. 101-132.
- Kayne, Richard (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- Kayne, Richard (1995). Class Lectures, Harvard University.
- Lasnik, Howard & Mamoru Saito (1992) *Move Alpha: Conditions on Its Application and Output*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- López, Luis (2003) Steps for a Well-Adjusted Dislocation. In *Studia Linguistica* 57 (3), pp. 193-231.



- López, Luis (2009) *A Derivational Syntax for Information Structure*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- MacWhinney, Brian (2000) *The CHILDES project: Tools for Analyzing Talk*. 3ª edição. Mahwah/New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Merchant, Jason (2001) *The Syntax of Silence. Sluicing, Islands, and the Theory of Ellipsis*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Merchant, Jason (2004) Fragments and ellipsis. In *Linguistics & Philosophy* 27 (6), pp. 661-738.
- Ott, Dennis & Mark de Vries (2012) Thinking in the right direction: an ellipsis analysis of right-dislocation. In Marion Elenbaas & Suzanne Aalberse (eds.) *Linguistics in the Netherlands 2012*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 123-133.
- Ott, Dennis & Mark de Vries (em preparação) Right dislocation as deletion. Ms., University of Groningen.
- Reinhart, Tanya (1982) Pragmatics and linguistics: An analysis of sentence topics. In *Philosophica* 27 (Special Issue on Pragmatic Theory), pp. 53-94.
- Ross, John Robert (1967) *Constraints on variables in syntax*. Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology.
- Santos, Ana Lúcia (2006) *Minimal Answers. Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa. Publicação: 2009, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Santos, Ana Lúcia (2009) The problem of fragment answers. In *Iberia. An International Journal of Theoretical Linguistics*. 1 (1), pp. 115-142.
- Santos, Ana Lúcia, Michel Génèreux, Aida Cardoso, Celina Agostinho & Silvana Abalada (2014) A corpus of European Portuguese child and child-directed speech. In *Proceedings of the 9th Conference on Language Resources and Evaluation – LREC 2014*. European Language Resources Association (ELRA).
- Vallduví, Eric (1992) *The Informational Component*. New York: Garland.
- Villalba, Xavier (1996) Sobre la Dislocació a la Dreta. In *Llengua & literatura* 7, pp. 209-234.
- Villalba, Xavier (1998) Right Dislocation is not Right Dislocation. In Olga Fullana & Francesc Roca (eds): *Studies on the Syntax of Central Romance Languages. Proceedings of the III*



Symposium on the Syntax of Central Romance Languages. Girona: Universitat de Girona, pp. 227-241.

Villalba, Xavier (1999) Symmetry and Antisymmetry in Syntax. In *Syntax: An International Journal of Syntactic Research* 2, pp. 1-25.

Villalba, Xavier (2000) *The syntax of sentence periphery*. Tese de Doutoramento, Universitat Pompeu Fabra.

de Vries, Mark (2007) Dislocation and Backgrounding. In Bettelou Los & Marjo van Koppen (eds.) *Linguistics in the Netherlands 2007*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 235-247.

de Vries, Mark (2009a) The Left and Right Periphery in Dutch. In *The Linguistic Review* 26 (2-3), pp. 291-327.

de Vries, Mark (2009b) Specifying Coordination: An Investigation into the Syntax of Dislocation, Extraposition and Parenthesis. In Cynthia R. Dreyer (ed.) *Language and Linguistics: Emerging Trends*. New York: Nova Science Publishers, pp. 37-98.

de Vries, Mark (2013) Locality and right-dislocation. In Suzanne Aalberse & Anita Auer (eds.) *Linguistics in the Netherlands 2013*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 160-172.

Zubizarreta, Maria Luisa (1995) *Word Order, Prosody and Focus*. Ms., University of Southern California.

